

# NOTÍCIAS DE PESQUISA

---

NOTÍCIA  
DE PESQUISA

COMIDA DE SANTO  
COSMOLOGIA, IDENTIDADE  
E SIMBOLISMO EM COZINHAS  
AFRODESCENDENTES

---

---

COMIDA DE SANTO:  
COSMOLOGIA, IDENTIDADE  
E SIMBOLISMO EM COZINHAS  
AFRODESCENDENTES

LUCAS COLLITO MARTINS

JEFFERSON OLIVATTO DA SILVA

## INTRODUÇÃO

Podemos dialogar sobre uma ‘cozinha emblemática’, ou de ‘pratos emblemáticos’, que por si só já representam um grupo. Esse emblema, como uma figura simbólica destinada a representar um grupo, faz parte de uma cealuma que esboça seu pertencimento e, conseqüentemente, uma identidade.

Seguindo Brillat-Savarin, “dize-me o que comes e te direi quem és”, que já foi transformado em “dize-me o que comes e te direi de onde vens”, Sophie Bessis (1995:126) coloca:

Dize-me o que comes e te direi qual deus adoras, sob qual latitude vives, de qual cultura nasceste e em qual grupo social te inclui. A leitura da cozinha é uma fabulosa viagem na consciência que as sociedades têm delas mesmas, na visão que elas têm de sua identidade (Sophie Bessis 1995:126).

Deixando o ostracismo e adentrar a uma determinada sociedade ou dela sentir-se integrante de tal, supõe capacidade de operar uma cultura. Isto expressa toda uma capacidade do indivíduo de manipular uma elaborada teia de significações socialmente constituída e interdependente em que gera sentido às interações entre os indivíduos e a torna única. A ideia de cultura, nesse caso, permite compreender a possibilidade de comunicação entre as inteligências (Durkheim 1995:76).

A nossa cultura – nossas crenças, tabus, religião, entre outros fatores – influencia diretamente uma cascata de escolhas dos nossos alimentos diários. Desta maneira, vemos que a alimentação humana representa estar muito

mais vinculada e objetivada a fatores espirituais e exigências tradicionais de meio cultural, do que às próprias necessidades fisiológicas.

Leva-se assim, à necessidade de buscar compreender o fenômeno das oferendas religiosas dentro de seu próprio contexto, de sua própria realidade. Compreender o sentido das práticas alimentares, sobretudo as oferendas, para os praticantes das religiões afro-brasileiras.

## A COMIDA E O COMER

O Candomblé é considerado uma das religiões que mais possuem rituais com alimentos presentes, onde estes se difundem às mais diversas maneiras de simbologias e significados econômicos e sociais em modos rituais de relevante importância na comunicação e linguagem cultural.

A partir de pesquisas de campo e a métodos observacionais, é visível o terreno em sua gênese como um espaço de convivência e estabelecimento de laços e alianças interpessoais e coletivas, tendo assim a construção de um lugar especial, pois é ali que será compartilhado o momento sagrado, será o espaço físico social onde os deuses serão recebidos. Assim, a oferenda alimentar em práticas e festividades sagradas é a forma de seus seguidores terem contato com seus Orixás e por assim, tê-los em sua vida.

Como já dito, deuses e eguns ‘comem’, sendo o alimento o principal bem simbólico que os humanos podem lhes oferecer. Observa-se aqui que este sur-

ge, assim, como fator mediador por excelência das relações entre o mundo dos homens (e por que não de alteridade?) e o mundo sobrenatural. ‘Alimento’, entretanto, deve ser entendido numa dimensão ampla, pois além das comidas rituais propriamente ditas, há outros ingredientes e especiarias essenciais como sal, açúcar, pimenta, vinagre, mel, óleos comestíveis, água, bebidas alcoólicas ou não, hortaliças, frutas e ervas de folhas diversas, que compõem – principalmente – está culinária afrodescendente (Maciel 2005:49-55).

A iniciação corresponde a um pacto estabelecido entre o homem e os orixás. Antes de tudo, o que os humanos esperam deles, é a proteção. Para proteger os humanos, no entanto, eles precisam estar fortes, e para tanto se torna necessário mantê-los sempre bem alimentados. É esta justamente a principal responsabilidade social dos iniciados, as chamadas ‘comidas de obrigação’. Não alimentar o orixá, ou seja, não cumprir o pacto, é não apenas perder sua proteção, mas, sobretudo ficar exposto a riscos. Entende-se que o orixá exerce aqui uma gama de significações espirituais à proteção do fiel – mais especificamente de sua cabeça, onde ‘mora’.

Seguindo este prisma, é ação e ligação entre o dar, receber e retribuir, tão presente no candomblé como principal forma enquanto elemento de mediação fundamental, a comida. A partir daqui, vemos a cozinha ganhando um status de “santuário”, onde tudo gira em torno do sagrado, e todos com o pensamento firmado em energias positivas, que são repassadas ao alimento

no momento de sua preparação elaborada (Hubert 2011:101).

Abre-se um parêntese aqui para a responsabilidade na confecção das comidas de obrigação, o que é muito grande, razão pela qual cada casa de religião sempre tem uma cozinheira especializada, sempre ‘velha’. Lima (1977:13), referindo-se ao candomblé baiano, entre outras importantes observações, alvitra que a cozinheira, lá denominada de ‘iabassê’, tem de ser velha o suficiente para não mais menstruar. Se observarmos dentro desta perspectiva, na religião baiana, esta mulher menstruada de forma alguma pode preparar os alimentos.

Seguindo esta visão, é muito comum encontrar-se com a fartura na oferta de alimentação em terreiros de candomblé, além de uma qualidade da comida oferecida neste âmbito social. Assim, a principal característica desses alimentos em meio às práticas é seu próprio direcionamento aos Orixás e posteriormente também às outras pessoas que frequentam o espaço ou apenas visitam em dias de festa de santo, sempre tendo a finalidade de preparar o melhor com o melhor ingrediente, partilhando tudo e nunca desperdiçando nada (Hubert 2011:97).

A relação entre os devotos de sociabilidade e suas divindades se estende à comunidade do entorno do terreiro bem como aos visitantes, através dos rituais públicos, as festas. Este é o momento em que a relação mediada pela comida assume o significado mais amplo, promovendo a socialização entre os iniciados, a comunidade e os Orixás.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa até então desenvolvida, podemos observar de forma clara que o ato de oferecer comida e rituais a estes deuses está totalmente ligado à ideia de um fortalecimento dos laços entre esses Orixás e seus fiéis, além de éticos e sociais, quando se há ainda um fortalecimento de relações entre estes adeptos de tal religião afro-descendente.

Assim, a alimentação não reflete somente a satisfação de uma necessidade fisiológica, idêntica em todos os homens, mas nos leva à importância do cultivo de tais tradições e suas diversidades, afim de tudo aquilo que contribui para modelar a identidade de cada povo, mantendo assim sua identidade, suas simbologias e características de uma cultura em particular.

## REFERÊNCIAS

Bessis, Sophie. 1995. *Mille et une bouches cuisines et identités culturelles*. Autrement, 154:120-180.

Durkheim, E. 1995. *Education et sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France.

Maciel, M. E. 2005. Identidade Cultural e Alimentação, in *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*, Editado por A.R.G, Canesqui, pp. 49-55. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Lima, C. 1977. *A Família-de-santo nos Candomblés Jeje-Nagôs da Bahia*: um estudo de relações intergrupais. Tese de Mestrado, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, BH.

Hubert, Stefan. 2011. *Manjar dos deuses*: as oferendas nas religiões afrobrasileiras. *Primeiros Estudos*, 1:81-104.